

Katie Barclay, *The History of Emotions: A Student Guide to Methods and Sources*, Londres, Red Globe Press, 2020, 193 p., versão digital.

Esse texto propõe uma revisão crítica do livro de Katie Barclay *The History of Emotions: A Student Guide to Methods and Sources*, publicado em 2020. Katie Barclay é professora da Universidade de Adelaide, na Austrália, e integra a School of Humanities, que faz parte da Faculty of Arts, Business, Law and Economics desta instituição. Graduada em História Econômica e Social pela Universidade de Glasgow, na qual também concluiu seu mestrado e seu doutoramento, Barclay foi para a Austrália como bolsista de pós-doutorado no ARC Centre of Excellence in the History of Emotions (2011-2014). Atualmente, Katie Barclay é vice-diretora desse mesmo centro.

A autora se define como historiadora das emoções dos séculos XVII, XVIII e XIX na Inglaterra, Escócia e Irlanda, especificamente sobre os temas: família, casamento, sexo, masculinidade, subjetividade, individualidade e relações de poder. A sua experiência em pesquisa pode ser agrupada em três áreas: 1) a história das emoções e da vida familiar; 2) a história da subjetividade e da criação da identidade, especialmente no que diz respeito ao gênero; 3) história do Reino Unido, particularmente da Escócia e da Irlanda entre os séculos XVII a XIX. Katie Barclay procura perceber como as pessoas exibem, constroem e entendem as emoções em vários contextos, principalmente nas relações familiares e nos estudos da infância, incluindo casamento, pais e filhos, e relacionamentos entre irmãos. Assim, busca histórias de amor e intimidade que desvelam sentimentos como a tristeza e a raiva, entre outros, com o objetivo de compreender como as emoções são utilizadas como um meio de identidade, de comunicação e como ferramenta de poder de negociação. Para tanto, a historiadora utiliza uma abordagem inovadora para explorar as identidades presentes em fontes como cartas, músicas, e em registros que demonstrem interações cotidianas.

Autora de livros como *Love, Intimacy and Power: Marriage and Patriarchy in Scotland, 1650-1850* (2011); *Men on Trial: Performing Emotion, Embodiment and Identity, 1800-1845* (2019); *Emotions in Europe (1517-1914)* (2021), que escreveu em parceria com François Soyer, e capítulos intitulados “The Practice and Ethics of the History of Emotions” e “Love and other emotions”. A partir dos títulos citados é possível perceber que é uma referência na recente historiografia das emoções. Diz-se recente pois a História das Emoções constitui um campo historiográfico que vem se consolidando nos últimos anos como uma ampla possibilidade de trabalho para as pesquisas históricas. A discussão acerca da possibilidade de se fazer uma História das Emoções ou dos sentimentos começou

há quase cem anos, com uma sugestão de Lucien Febvre feita na década de 1930, no seio das propostas da primeira geração da Escola dos Annales¹. Desde então, os trabalhos historiográficos passaram a estudar novos aspetos da sociedade – para além da história política – abordando as emoções de forma tangencial, partindo do foco sobre outros objetos como a morte, o corpo ou a sexualidade. A primeira obra a se debruçar diretamente sobre um objeto emocional foi *La peur en Occident (XIV^e-XVIII^e siècles). Une cité assiégée*, de Jean Delumeau, publicada em 1978, dentro da perspetiva da História das Mentalidades.

Pode considerar-se a História das Mentalidades como a precursora da História das Emoções. Houve um movimento na Antropologia que se desenvolveu a partir dos estudos de Clifford Geertz sobre o *self* na década de 1950. Esse movimento é chamado de Antropologia das Emoções² e vem influenciando o campo das pesquisas históricas a partir de então. Esse diálogo historiográfico do campo das mentalidades com os estudos feitos pela Antropologia, pela Neurobiologia e pela Psicologia nas últimas décadas, tornou possível o desenvolvimento da História das Emoções.

Foram dois modernistas – Peter Stearns e sua esposa, psiquiatra e historiadora, Carol Stearns – os responsáveis por convocar os historiadores para uma História das Emoções, após Febvre e Delumeau. O casal publicou um manifesto em 1985, no qual havia formulado um conceito chave para que as emoções passassem a ser historicizadas: a palavra “emotionology”. Esse conceito buscava relacionar as emoções com o contexto social de determinada época³. A partir destas considerações teóricas, foi possível que os historiadores consolidassem, ao longo das últimas décadas, o campo da História das Emoções por meio do diálogo com vários outros campos científicos.

Existem muitas produções históricas acerca das emoções, a maioria delas escritas a partir da década de 2010 em língua inglesa. Há também estudos recentes em alemão e francês. Infelizmente, a produção em português sobre as emoções ainda é pequena. É preciso destacar também que atualmente, há diversos centros de investigação sobre as emoções na História⁴. A existência

¹ Lucien Febvre, “La sensibilité et l’histoire: Comment reconstituer la vie affective d’autrefois?”, *Annales d’Histoire Sociale*, vol. 3, no. 1/2 (1941), p. 5-20.

² Ceres Victora; Maria Claudia Coelho, “A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão”, *Horizontes antropológicos*, ano 25, n. 54 (2019), p. 7-21.

³ Peter N. Stearns; Carol Z. Stearns, “Emotionology: Clarifying the History of Emotions and Emotional Standards”, *The American Historical Review*, vol. 90, n. 4 (1985), p. 813-836.

⁴ ACCESS The Amsterdam Centre for Cross-disciplinary Emotion and Sensory Studies; ARC Centre of Excellence for the History of Emotions (1100-1800), Austrália; Center for the History of Emotions, Max Planck-Institute for Human Development, Berlin; NACHE The North

de tantos centros de investigação sobre a História das Emoções atesta o protagonismo que este campo tem exercido nos últimos anos e a quantidade crescente de historiadores e pesquisas acerca desta temática.

Nesse ritmo de expansão do campo historiográfico, livros como o de Katie Barclay assumem grande importância pois buscam apresentar o campo, suas próprias teorias, seus recursos e suas metodologias àqueles que se interessam pelo tema, contribuindo para a ampliação e a disseminação do objeto em ascensão. A obra está dividida em oito capítulos que compreendem: uma introdução à História das Emoções; as palavras que desvelam emoções; os estilos emocionais; as comunidades; os regimes; as práticas e as performances; o espaço e o lugar; e, “going further”, que aborda as relações entre variados eixos do conhecimento e as emoções.

Nas palavras da própria Barclay, este “book was developed during my time at the University of Adelaide (...). It was inspired by my undergraduated students in my Emotions in Historical Perspective course” (p. 6). Ou seja, o livro foi pensado como um guia para apresentar a História das Emoções aos alunos de graduação. No entanto, Barclay diz que seu livro não pode responder o que são emoções, mas demonstrar alguns termos-chaves e conceitos usados pelas pessoas para responder a esta questão. A definição mais importante do livro é a que expõe o que é o campo da História das Emoções: “The History of Emotions is a body of scholarship that explores this variation in the experience, understanding and expression of emotions in different times and places” (p. 9).

Este livro oferece uma iniciação a vários conceitos-chave e métodos utilizados por historiadores da emoção para interpretar suas fontes e contribuir para a compreensão das emoções ao longo da História (p. 17). Alguns destes conceitos apresentados nos auxiliam na análise de como as emoções se fazem presentes na sociedade e o papel que podem desempenhar nas mudanças históricas (p. 23). A História das Emoções estuda o modo como as pessoas conceberam, explicaram e experimentaram emoções dentro de culturas e contextos particulares do passado. Incluindo no conceito de emoção a pessoa, o que ela sente, como ela interpreta seu sentimento, mas também em qual local essa emoção foi sentida, o ambiente, a arquitetura, as outras pessoas presentes, os ideais culturais e o que se pensava sobre emoção.

American Chapter on the History of Emotion; Queen Mary Centre for the History of Emotions, London; Les Émotions au Moyen Age (EMMA); CHEP: An International Network for the Cultural History of Emotions in Premodernity; The Emotions Project: The Social and Cultural Construction of Emotions: The Greek Paradigm, Oxford; Historia Cultural del Conocimiento. Discursos, prácticas, representaciones, Centro de Ciencias humanas y sociales, Madrid; Cluster of Excellence “Languages of Emotion”, FU Berlin.

Logo nas primeiras páginas do livro, Barclay traz contribuições acerca do conceito de emoção e suas relações entre diversas áreas. Para a autora, as emoções estão situadas entre diferentes campos científicos, como a biologia, a psicologia e as humanidades. Assume-se a emoção como uma palavra relacional, que só vai adquirir o sentido atual a partir do século XIX. Barclay se ocupa de diferenciar os sentimentos, os afetos⁵ e a emoção (conceitos chave do vocabulário específico do campo historiográfico das emoções) e sua relação com a linguagem. Segundo a autora, as emoções são anteriores à linguagem⁶ pois não precisam ser nomeadas para serem sentidas, entretanto, parte-se do pressuposto que “words, and their placement in a system of associated meanings, shape our engagement with the world around us”, dentro de uma perspectiva pós-estruturalista.

Nesta concepção, a linguagem tem sido entendida como essencial para compreender a forma como os seres humanos interpretam sua experiência, pois “Words are not neutral descriptors of the things they describes, but order the world, placing things in particular categories, adding ‘valance’ and producing system of logic and ‘common sense’” (p. 11). Além disso, a linguagem que nós compartilhamos com os outros na nossa comunidade influencia como nós experienciamos o mundo emocionalmente. É pela linguagem que a emoção se torna uma atividade social e compartilhada. Partindo desse ponto de vista acerca das emoções, compreender como diferentes culturas as entenderam e as praticaram pode nos dizer muito sobre como suas sociedades funcionavam: Como as emoções mudam com o tempo? O que motiva as pessoas a rejeitar sua formação emocional e responder de maneira diferente?

Parte-se do pressuposto de que certas normas ou conceitos emocionais de um determinado tempo e espaço podem se tornar tão significativos culturalmente que moldam o comportamento geral de toda uma sociedade. Sendo assim, as emoções informadas pela sociedade e pela cultura devem ser analisadas como operando contextualmente, em que o indivíduo se torna apenas uma parte de um *contexto emocional* do qual faz parte. Contexto emocional é um dos conceitos mais importantes apresentados por Barclay, pois a historiadora diz

⁵ O afeto é uma experiência muitas vezes considerada pré-existente à linguagem. Muitos teóricos do afeto colocam o corpo material e nossas respostas emocionais a nossos ambientes no lado material da experiência. Alguns atribuem isso a respostas biológicas que seriam remanescentes de nossa história evolutiva (p. 12).

⁶ A existência de emoções que precedem a linguagem está conectada ao conceito de “emoções básicas”, que sugere que apesar da maioria das emoções serem produtos da cultura humana e do comportamento aprendido socialmente, outras são inerentes a espécie e encontradas em todas as culturas. Entre elas podemos citar como as mais populares: medo, nojo, raiva e felicidade (p. 12).

que ao trabalharmos com lacunas nas fontes e nas narrativas de experiências pessoais, podemos preencher essa lacuna pensando em como as pessoas daquela realidade costumavam responder àquelas situações e, a partir disso, extrapolar uma ideia de como poderíamos esperar que uma pessoa se sentisse naquele contexto específico. “This way of thinking about emotion could be described as moving our focus from emotions as something ‘inside’ bodies to something produced socially in relationship with others and the environment” (p. 16).

Também se faz importante abordar a relação existente entre razão e emoção, uma vez que desde o início do período moderno essas duas palavras são concebidas como opostos relacionais, vistas como faculdades distintas. A razão é vista como a faculdade humana que administra a experiência emocional. Já o pensamento atual acerca destes dois fenômenos enfatiza que a emoção e a cognição operam em paralelo uma com a outra, moldando reciprocamente a experiência corporal humana e estão intrinsecamente relacionados (p. 13).

O segundo capítulo da obra aborda o conceito de *palavras emocionais*, citando como exemplos: raiva, amor e medo. Para este campo historiográfico, tais palavras têm um papel relevante, pois auxiliam na compreensão de como os humanos experimentam emoções e, por conseguinte, o papel da emoção na sociedade. Para alguns historiadores, o alicerce do campo consiste em identificar as palavras emocionais, descobrir o que elas manifestam naquela realidade e a partir daí utilizá-las para produzir História das Emoções. Tais palavras são divididas em duas categorias: as relacionadas aos sentimentos do corpo como amor ou raiva; e, as associadas à experiência emocional que nos ajudam a descrevê-la ou produzi-la, por exemplo ‘sensação’, ‘sentimento’, ‘criança’ (p. 26-27). É importante considerar o que está associado a uma palavra, quais sentidos ela “contém”, pois isso pode mudar em diferentes culturas já que diferentes épocas e lugares têm seus próprios vocabulários emocionais. O significado de uma palavra emocional pode estar atrelado a outras palavras, objetos e experiências. Desde que o historiador esteja confiante da compreensão da linguagem do período estudado, ele passa a ter o desafio de traduzir o que encontrou nas fontes para o público da atualidade (p. 27-28).

Ao final de cada capítulo, Barclay exemplifica como aplicar o conceito apresentado na investigação histórica. Ao abordar as palavras de emoção, a autora escolhe mostrá-las a partir da análise de cartas de amor, pois inclusive a carta, enquanto item físico, pode ser analisada como portadora de emoção, por exemplo, uma mancha de tinta ou a letra trêmula podem manifestar angústia ou paixão. Após examinar as palavras emocionais contidas nas cartas, elaborar os contextos de sua utilização e a mensagem que intencionavam passar, “the historian can consider implications of their findings for a history of love and

also for social and emotional relationship of the period” (p. 34). Um método que parece ser de grande auxílio na organização das palavras emocionais é a análise de conteúdo de Lawrence Bardin⁷, pois é preciso elencar as palavras de emoção organizando-as por seu sentido e intenções no texto.

O terceiro capítulo apresenta o conceito de *estilos emocionais*, criado por Peter e Carol Stearns. Eles chamaram o estudo dos estilos emocionais de “emotionology”. Tal conceito contribui para diminuir a lacuna existente entre a linguagem e as experiências pessoais, entre as normas sociais e o indivíduo, pois permite explorar a mudança diacrônica das ideias acerca de uma emoção e mapear as emoções em diferentes períodos ou gerações. Os *estilos emocionais* podem ser identificados como “common scripts, or a general sets of rules that give broad shape to the style, and the way these rules are given shape by individuals within particular contexts” (p. 49), são as ‘atitudes ou padrões’ que uma sociedade constrói sobre ‘emoções básicas’⁸, como determinam que sua expressão seja apropriada via instituições disciplinadoras. Um estilo de emoção diz respeito a toda uma estrutura cultural⁹, pois se concentra nas regras emocionais e em sua expressão, por isso há um foco considerável nas exibições exteriores de emoção, como descrições do corpo, do rosto, da vestimenta em luto, por exemplo (p. 51).

Em contrapartida, apresenta-se o conceito de *emoção autêntica*. Esta equivale a um comportamento que uma pessoa executa sem pensar (p. 47). Barclay ressalta que os estilos emocionais não são ‘habitus’ como o conceito de Bourdieu, pois podem ser adotados e descartados. É possível que as pessoas contestem ou rejeitem o ‘estilo’ emocional vigente e desenvolvam subculturas.

Ao final do capítulo, Barclay mostra como aplicar o conceito de estilos emocionais, assim ela esclarece que para acessar os estilos pode-se procurar fontes que deem acesso às regras gerais de um grupo, como os manuais de conduta, ou olhar para comportamentos individuais e identificar padrões que possam estar de acordo com um estilo; as fontes visuais também são muito importantes para acessá-los. A autora cita fontes da cultura popular, por exemplo canções, peças, romances, televisão, como recursos úteis para acessar os estilos emocionais e analisa as lágrimas como ponto de partida para investigação histórica utilizando esse conceito (p. 50).

⁷ Cf. Lawrence Bardin, *Análise de conteúdo*, Lisboa, Edições 70, 2011 [1977].

⁸ Conjunto de emoções que são amplamente compartilhadas no tempo e no espaço, que os estilos emocionais gerenciam por meio da cultura de expressão.

⁹ Um exemplo é a desaprovação da raiva feminina. Há uma literatura de aconselhamento e disciplina que busca coibir a manifestação da raiva por mulheres.

O capítulo quarto disserta sobre as *comunidades emocionais* e como elas podem ser aplicadas na interpretação das fontes. Este é um conceito proposto pela medievalista Bárbara Rosenwein:

These are precisely the same as social communities – families, neighborhoods, parliaments, guilds, monasteries, parish church memberships – but the researcher looking at them seeks above all to uncover systems of feeling: what these communities (and the individuals within them) define and assess as valuable or harmful to them; the evaluations that they make about others emotions; the nature of the affective bonds between people that they recognize; and the modes of emotional expression that they expect, encourage, tolerate and deplore¹⁰.

Em um outro texto, Rosenwein propõe que

devamos estudar as emoções do passado considerando as “comunidades emocionais” (em síntese: grupos sociais cujos membros aderem às mesmas valorações sobre as emoções e suas formas de expressão). (...) levar em consideração toda a panóplia de fontes que estes grupos produziram.¹¹

Comunidades emocionais consiste em um conceito flexível que pode ser aplicado a uma variedade de grupos ao longo da História, por esta flexibilidade este tem sido um dos conceitos mais populares ao explicar como as emoções são produzidas por grupos específicos (p. 66). Há uma crítica ao caráter descritivo e pouco problematizante deste conceito, mas essas descrições possibilitaram um estudo das mudanças nas expressões emocionais ao longo do tempo. As comunidades emocionais também ajudam a compreender as relações de poder na sociedade: baseado nelas, Mark Seymour usou o termo *arena emocional* para definir momentos de conflito e sobreposição de valores dentro de determinada comunidade. Assim, as comunidades emocionais, portanto, tendem a ser uma ideia particularmente importante para aqueles que priorizam a experiência e a prática emocional no cotidiano (p. 69). Ao final do capítulo, Barclay analisa trechos de dois livros literários sul-americanos¹² a fim de mostrar como a escrita

¹⁰ Barbara Rosenwein, “Worrying about Emotions in History”, *American Historical Review*, 107-3 (2002), p. 842.

¹¹ Barbara Rosenwein, *História das Emoções: problemas e métodos*, São Paulo, Letra e Voz, 2011, p. 8.

¹² Domingo F. Sarmiento, *Life in the Argentine Republic in the Days of the Tyrants. Or civilization and barbarismo*, New York, Hurd and Houghton, 1868, p. 32-41, 76-89. Clorina

popular pode fornecer acesso a valores, ideias e crenças de uma determinada comunidade, bem como seus usos e significados.

Já o quinto capítulo disserta sobre os *regimes emocionais*, conceito desenvolvido pelo historiador e antropólogo William Reddy com o intuito de explicar como as normas para vidas emocionais operam como uma “form of power that restricts human behavior and affirms the authority of powerful groups” (p. 86). Se os “estilos emocionais” de Stearns não abordavam a relação entre a linguagem e o corpo, e a “comunidade” de Rosenwein não diferenciava entre linguagem e experiência física, Reddy buscou um conceito intermediário. Em paralelo, Reddy criou outro conceito, o *emotivo*: seria a palavra que nomeia o sentimento e molda como reagimos a ele. Por exemplo, ao rotular um sentimento como raiva estamos ajustando o que sentimos para decidir a ação adequada culturalmente para aquela sensação. Assim, pode dizer-se que “both the body and culture act together to produce emotion, both sides of the divide shaping each other” (p. 87).

O principal diferencial do conceito de *regime emocional* é trazer as instituições de poder para a análise, pois um regime emocional é um conjunto de valores generalizados para a emoção aos quais as autoridades esperam que as pessoas se conformem, indo além dos demais conceitos apresentados aqui ao enfatizar a importância do controle emocional para o funcionamento do poder. As instituições, como Estado, Igreja e família, prescrevem normativas emocionais que, segundo Reddy, são o suporte necessário para a estabilidade de qualquer regime político (p. 88). Em contrapartida ao regime emocional dominante, há o conceito de *refúgio emocional*, que diz respeito a como grupos de pessoas resistem aos preceitos emocionais institucionais. Ao final do capítulo, Barclay mostra como aplicar o conceito de regimes emocionais:

(...) the first step is to identify emotional words. clusters and sequences, seeking to developed a model of particular emotions incorporated in terms of gesture and action, where they happened, how they were valued or not by society and the consequences for not conforming. Part of this might be identifying emotion words as ‘emotives’, as terms that help produce emotion in line with cultural norms. Given that emotives describe moments where individuals try to navigate their feelings, historians might particularly attend to discussions of emotion where people try to figure out or explore their emotional experience (moments of confusion or distress). In practice, however, the procedure remains much the same as for other emotions research in that the historian still concerns themselves with identifying emotion words, their contexts and meanings (p. 90-91).

A autora exemplifica como seria essa análise a partir de relatos de escravos e ex-escravos na luta pela abolição da escravidão, pois estas podem mostrar tanto a cultura emocional dos escravos e os refúgios emocionais que eles criaram para suportar a escravidão, como também a cultura emocional dominante que eles queriam persuadir. A escravidão estava extremamente ligada às emoções e ao sentimentalismo, pois os senhores a relacionavam ao paternalismo, enquanto a base da justificativa social da escravidão estava alicerçada em invalidar as emoções dos negros, como primitivos e menos civilizados, portanto excluídos dos direitos humanos (p. 92-93).

Não só caro a compreender a escravidão, o conceito de regimes emocionais nos parece um trunfo aos historiadores que estudam o Antigo Regime e as regras emocionais que permeavam a sociedade de corte e sustentavam o Direito Divino dos Reis em uma coletividade baseada na diferenciação pelo nascimento. Era preciso provar pela adaptação aos códigos emocionais que se tinha o direito de pertencer aos grupos sociais privilegiados. Haja vista a teoria de Norbert Elias¹³ que versa sobre o controle dos afetos como a base do processo civilizador que originou o Estado Moderno. Também Foucault¹⁴, aborda como a governabilidade moderna está ligada às técnicas de dominação de si.

Um dos conceitos de apresentação de mais difícil compreensão é o que foi apresentado no capítulo sexto: *teorias da prática e da performance*. A compreensão torna-se mais difícil por se tratar de duas teorias separadas que advém do diálogo entre outros diversos autores. Os historiadores da emoção que se utilizam da teoria da prática e da performance em conjunto argumentam que não há separação entre o material e a representação, pois ambos trabalham juntos. Em uma determinada situação, o indivíduo utiliza todos os recursos (tanto materiais quanto imateriais, como seu corpo, suas crenças culturais, sua máquina de escrever) disponíveis na formação da sua *experiência emocional*. Mesmo que um desses recursos sejam as regras emocionais disponíveis em sua sociedade, o indivíduo reagirá de acordo com sua experiência e em relação a seus outros recursos (p. 108-110). Mesmo que as regras sejam importantes, cada indivíduo pode vir a responder de maneiras diferentes a situações específicas, dessa forma podemos evitar a preocupação em distinguir o que vem do material e o que vem das representações culturais. Pois, cada experiência de emoção é única ou individual, embora ainda seja ‘socialmente constituída’ moldada por nossa educação cultural e contexto histórico.

¹³ Cf. Norbert Elias, *O processo civilizador*, Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

¹⁴ Michel Foucault, “Tecnologías del Yo” in M. Morey (ed.), *Tecnologías del Yo, y otros textos afines*, Barcelona, Paidós/ICE-UAB, 1990, p. 49.

A partir do conceito de *habitus* de Bourdieu, a historiadora Monique Scheer utiliza essas teorias na análise das emoções. Scheer argumenta que as emoções são efetivamente produzidas por práticas, mas que essas práticas são realizadas por corpos que são produtos de seu tempo e lugar. Assim, ao demonstrar como utilizar a teoria da prática e da performance, Barclay escolhe analisar a relação entre a cultura material religiosa e o exercício da fé nas sociedades medieval e moderna. É preciso compreender como um elemento do mundo concreto passa a ter tanto significado emocional, por exemplo o uso de objetos religiosos como relicários, joias religiosas, imagens de santos que eram utilizados na prática devocional. Geralmente, esses itens eram relativamente pequenos, para serem tocados e carregados, e evocavam memórias de fé. Poderiam até mesmo exercer funções talismânicas, revelando como o material teria peso no emocional nessas sociedades (p. 115, 122-124).

O capítulo sete aborda espaços e lugares e suas relações com as emoções na sociedade. A teoria espacial não vê o espaço e o lugar somente no sentido físico, mas como algo “socialmente construído”, pois se relaciona com a cultura e com os significados que as pessoas lhes dão. Baseado principalmente em posições de Henry Lefebvre, essa teoria considera a localização – paisagem, arquitetura, lugar – em conjunto com as atividades humanas – as palavras, os discursos e as ideias – assumindo o lugar como um espaço associado à identidade e ao pertencimento. Isto pode se referir tanto a lugares físicos quanto a espaços online. O espaço é algo constantemente feito pelas pessoas, por isso emoção e espaços estão conectados, haja vista que a emoção é um recurso utilizado para compreender o ambiente, que, por sua vez, possui sua própria energia. É preciso tratar a emoção como uma experiência de 360 graus, o que possibilita destacar o local em que está ocorrendo. Nossas experiências emocionais não são restritas a palavras ou conceitos de emoções na linguagem, mas também por efeitos de aspectos arquitetônicos e ambientais em nossos corpos, por exemplo uma catedral é projetada para criar uma emoção de reverência com seus altos pilares e a luz vinda do topo.

Existem dois conceitos relacionados: “momentos” de Lefebvre que diz respeito a quando as pessoas sentem que devem contestar ou transformar um local; e o conceito de “atmosfera afetiva” de Ben Anderson, que relaciona a experiência de afeto em um determinado local com a forma como as pessoas utilizam e se envolvem umas com as outras (p. 127-133). Para exemplificar como aplicar essa teoria na História das Emoções, Barclay utiliza relatos sobre um episódio de revolta no território indiano dominado pelos britânicos. E como, na visão britânica, os habitantes revoltosos precisavam ser aterrorizados de volta à submissão, o colonizador utilizou o ambiente físico da própria

cidade para levar a tais efeitos emocionais ao realizar um massacre em um determinado espaço. Como abordamos o Antigo Regime ao falar dos regimes emocionais, acreditamos que a teoria do lugar e do espaço nos convida a refletir sobre a arquitetura barroca e seu caráter pedagógico de manutenção da ordem monárquica e do Estado Moderno.

O oitavo capítulo da obra intitula-se ‘Indo além’ e apresenta como ao longo dos últimos 20 anos, o campo de pesquisa da História das Emoções floresceu e foram estabelecidos estudos em relação a uma variedade de subcampos e subdisciplinas. Dessa forma, o capítulo discorre brevemente sobre alguns destes subcampos e tenta mostrar as principais questões e tópicos neles inseridos. Entre eles, estão: medicina, ciência e emoções; emoções legais; emoções políticas; emoções humanitárias; emoção e mídia; emoção e feitiçaria; religião e emoção; emoções urbanas; emoção e gênero; famílias e emoção; e, emoção juvenil.

Chegando ao final do livro, com os múltiplos conceitos e diferentes métodos citados, é possível perceber como a História das Emoções é um campo historiográfico desafiador, por constituir uma história complexa. Em paralelo, conhecer todas essas formas de historiografar os sentimentos é saber que existem muitos caminhos a seguir, e que estes se tornaram acessíveis pela força de síntese e esclarecimento de Barclay. Enquanto muitos acreditavam que a História das Emoções estivesse condicionada a uma ‘escrita de si’, a registros emocionais e íntimos deixados pelos indivíduos, a obra de Barclay mostra que as possibilidades de recursos e documentos para a elaboração da História das Emoções vai muito além disso e apresenta uma vasta gama de oportunidades de análise.

Apesar de se intitular um guia, o que se assemelha a um tipo de manual, que etimologicamente pressupõe um livro fácil de carregar e consultar sobre uma ciência, Barclay ainda demonstra essa complexidade da História das Emoções que não está pronta e longe de ser. As palavras “guia” e “manual” parecem pressupor algo finalizado e inquestionável, mas o teor do texto de Barclay desmonta essa visão, expressando capítulo por capítulo como a História das Emoções é variada e dialoga com os mais diversos campos do saber e da ciência. Ao finalizar a leitura do livro se nota o quanto este campo historiográfico constitui uma história variada e viva, em plena construção epistemológica e consequente ascensão.

Não se pode deixar de notar que a maioria dos conceitos e teorias elencados por Barclay advém de autores de tradição anglófona – as raras exceções são Lucien Febvre e a exemplificação do capítulo quarto que utiliza fontes literárias produzidas na América do Sul. No entanto, como as emoções são conectadas ao universo cultural e linguístico de cada sociedade, um só eixo de partida

não é suficiente. É preciso que historiadores de outras características sociais e linguísticas partam do que foi apresentado por Barclay e desenvolvam seus próprios métodos e teorias que façam sentido na língua e na sociedade que pretendem analisar. O caminho anglófono deve ser só um entre tantos outros, pois assim como as emoções das pessoas são complexas, a diversidade linguística aumenta essa complexidade. Portanto, é preciso que outros caminhos sejam construídos, pois só assim faremos jus à real multiplicidade e complexidade das emoções ao longo das culturas e da história.

Quando desenvolvemos nossas pesquisas, até mesmo focalizando na História das Emoções, costumamos nos embasar em estudiosos e teóricos do “norte”, e principalmente da Europa. Acabamos assim, por contribuir para a manutenção de uma ciência eurocêntrica, que não permite novas perspectivas epistemológicas, e, muitas vezes, ignora outros pensadores. Portanto, propõe-se aqui que esta recensão seja um ponto de partida para a construção de uma História das Emoções decolonial¹⁵ que amplie as possibilidades científicas, os métodos e as teorias para trabalhar as emoções na história dos diferentes países lusófonos. Terminamos com uma provocação: quais serão as contribuições dos historiadores lusófonos para a História das Emoções?

ANNY BARCELOS MAZIOLI

Universidade Federal do Espírito Santo | Universidade de Coimbra

anny.mazioli@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6655-970X>

¹⁵ Cf. Maria Paula Meneses; Boaventura de Sousa Santos (orgs.), *Epistemologias do Sul*, São Paulo, Editora Cortez, 2010.